

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 05/01/09 a 09/01/09)

Dia 20 de janeiro Barack Obama toma oficialmente posse nos Estados Unidos, mas a urgência de ajuda e resgate da economia norte-americana já faz de Obama um presidente atuante e cobrado. Seu plano estratégico a ser anunciado agora no início do mandato já está definido, e parte de um objetivo certo: aliar a recuperação à modernização.

Obama quer aumentar a eficiência energética e o uso de energia limpa, além de disseminar a internet banda larga, promovendo assim modernidade com comunicação ágil e redução do impacto ambiental da atividade produtiva. Através do investimento público e de comunicação de qualidade no país inteiro vai criar mais emprego e alavancar a produtividade dos pequenos negócios e das empresas instaladas em todo o país.

Será um plano também voltado para infra-estrutura, com redução de desperdícios, aumento forte de investimento público e abatimento de impostos para 95% das famílias.

Os limites e críticas ao plano já começam, porém, a surgir. A primeira crítica é em cima do fato do plano se apoiar em investimento público e, portanto, em gasto público, em um país onde o déficit público atinge níveis astronômicos, podendo chegar a US\$ 1,3 trilhão. Outro problema que surge é a posição da China, que parou de comprar títulos da dívida dos Estados Unidos. A China tem US\$ 1 trilhão de dívida americana e já passou o Japão como financiador do Tesouro americano, mas com a diminuição do investimento direto devido ao menor fluxo de capitais e pelo país querer financiar internamente seu pacote de estímulo à economia, parou de acumular títulos norte-americanos. Além disto, o plano já enfrenta resistências no Congresso e inclusive entre os parlamentares do próprio partido do presidente eleito. Há críticas ao incentivo dado às empresas para a criação de emprego e há críticas à redução dos impostos, que está sendo avaliada como insuficiente para o tamanho da crise. Finalmente, o conflito em Israel também aparece como um novo complicador, forçando uma posição de

Obama que precisa ser diferente da até então defendida por Bush e, sobretudo, tirando o foco do novo presidente para a solução da crise.

Aqui no Brasil, a semana foi marcada pelos dados ruins da produção industrial, mas fazendo uma comparação com o setor automotivo no país acho que compreenderemos melhor o atual cenário do Brasil na crise. As estatísticas de vendas e de produção em dezembro divulgadas mostram que a indústria automotiva despencou: quedas de 46% de produção em dezembro em relação a novembro e de 54,5% em relação a dezembro de 2007. Para completar, a produção de caminhões, que até recentemente tinha fila de espera, caiu 60% para novembro. Vamos agora olhar de novo os dados, e nos darmos conta de que o momento na realidade é muito melhor do que os dados que enaltecemos. O mercado interno saiu de 1,4 milhão de veículos vendidos em 2003 para 2,8 milhões no ano passado, dobrando em cinco anos e com a exportação permanecendo estagnada desde 2004. Além disto, a indústria automobilística, que produziu 1,8 milhão de veículos em 2003, produziu 3,2 milhões em 2008. A indústria automobilística brasileira acusou a crise, teve uma queda forte, mas não está em crise. Não só está vendendo bem como também está produzindo muito dentro do próprio país, além de ter revertido muito dinheiro para as matrizes no exterior para recompor perdas em função da crise, matrizes estas que estão sim sofrendo com a crise.

Traçando este paralelo entre a indústria como um todo e a indústria automobilística em particular, notamos que o pessimismo e o otimismo estão muito ligados aos dados que queremos enxergar, sem esquecermos de somar a isto o fato de estarmos colhendo em 2009 muitos dados ruins que ainda fazem parte de 2008.

Cenário Internacional

Na terça-feira no Financial Times, renomado jornal britânico, um artigo publicado por Jim O'Neill, criador do termo BRICs, afirmou que os BRICs - Brasil, Rússia, Índia e China - deverão liderar a expansão da demanda econômica global por três anos. Segundo o artigo, os BRICs serão a única fonte global de crescimento doméstico em 2009 e as projeções são de crescimento econômico do bloco de 7,2% em 2010, impulsionados pelo estímulo da China. Partindo de 2008, o artigo projeta que por três anos de crescimento consecutivo ver-se-á a expansão da demanda global liderada pelas economias dos BRICs. Diz ainda que até o fim da década, eles podem estar perto de representar 20% do PIB global. Finalmente, segundo O'Neill, com projeções como essas, a idéia de que, unidos, os BRICs sejam maiores do que o G7 até 2035 parece cada vez mais plausível.

Enquanto isso, nos Estados Unidos a crise se aprofunda e o pacote de salvamento a ser implementado pelo presidente eleito Barack Obama é visto com a possível salvação da economia do país. O programa de estímulo fiscal da economia norte-americana deverá incluir um pacote de US\$ 775 bilhões, um corte de impostos de US\$ 300 bilhões para famílias e empresas e gastos na área social e investimentos de infra-estrutura. Além disso, um dos seus principais objetivos é a criação de 3 milhões de empregos no país, já tendo anunciado que a situação do emprego é crítica, falando pela primeira vez em desemprego em dois dígitos no país.

A ata do Fed, referente à reunião de 15 e 16 de dezembro, não trouxe muita novidade e não desenhou um cenário de futuro melhor, confirmando que a economia dos Estados Unidos deverá sofrer declínio adicional em 2009. Na reunião em que se decidiu pela adoção de uma banda para a taxa básica de juros, entre 0% e 0,25%, também foi discutido o uso do balanço patrimonial como mais um estímulo a economia. Segundo o documento, os membros do

FOMC avaliam que, ainda que tenha havido uma melhora em alguns mercados financeiros, as condições de crédito continuam ruins, bem como a crise no mercado imobiliário. A ata ainda sinaliza que alguns membros acreditam na possibilidade de uma contração mais prolongada, em especial por conta da rapidez com que as indústrias se ajustaram a uma demanda menor. No entanto, esse cenário não é dado como mais provável pela ata, que mostra que uma contração maior na atividade é esperada para o primeiro trimestre e a partir de então, o início de uma recuperação.

Em relação aos indicadores econômicos do país, o ISM de manufaturas caiu para 32,4 pontos em dezembro, ante 36,2 pontos registrados no mês anterior, apresentando recuo maior do que o esperado (35,4 pontos) e atingindo a pior marca histórica. O resultado é ainda pior quando analisamos os componentes desse indicador, em especial o de novos pedidos, que passou de 27,9 em novembro para 22,7 pontos em dezembro. Ademais, o indicador de nível de emprego na indústria continuou mostrando queda, chegando a 29,9 pontos, patamar bastante abaixo da média dos últimos seis meses (40,4 pontos) confirmando a deterioração em curso no mercado de trabalho norte-americano.

Já o ISM de Serviços surpreendeu positivamente o mercado, subindo de 37,3 em novembro para 40,6 em dezembro no agregado, sendo que a melhora foi observada nos diferentes componentes: produção, emprego e encomendas. Apenas importações apresentaram desaceleração em relação ao mês anterior, de 40 pontos para 32,5 pontos. Ainda que esta melhora possa sinalizar alguma recuperação na confiança dos agentes, em grande parte influenciada pela expectativa da posse do presidente eleito Barack Obama, os dados de indústria ainda não apontam para uma melhora à frente, pois as encomendas ainda continuam caindo e desemprego deve continuar aumentando. Na mesma direção, as encomendas as indústrias em novembro recuaram 4,6%, abaixo do esperado de queda de 2,3%, sinalizando o corte de investimentos por parte das empresas.

No setor automotivo, as vendas de automóveis continuaram registrando resultados bastante fracos em dezembro, com queda de 36% na comparação interanual, menor volume vendido em 16 anos. O setor automobilístico, um dos mais afetados pela crise financeira internacional, em especial devido ao aumento do desemprego e às restrições de crédito, fechou o ano de 2008 com um saldo bastante negativo. As três principais montadoras do país tiveram recuo nas vendas de mais de 30% no mês passado, o que inclui também algumas montadoras japonesas. A ajuda do governo norte-americano para as montadoras já foi anunciada, mas com a queda na confiança e das expectativas é provável que essas empresas continuem a cortar postos de trabalho, contribuindo para deterioração adicional do mercado de trabalho.

No que diz respeito ao mercado imobiliário norte-americano, as vendas de imóveis pendentes de novembro surpreenderam as expectativas de queda de 1% ao registrar retração de 4%, uma ligeira melhora de 0,2 ponto percentual em relação ao mês anterior. Além disso, o volume de solicitações de empréstimos imobiliários nos Estados Unidos caiu 8,2% na semana terminada em 2 de janeiro em relação à semana anterior. O indicador que mede esses pedidos foi de 1245,7 para 1143,8 pontos, já incluindo o desconto dos feriados relativos ao Ano Novo. No mesmo período de comparação, as requisições de hipotecas para refinarciar empréstimos imobiliários já existentes diminuíram 12,3%. Os dados fazem parte da pesquisa da Mortgage Bankers Association (MBA), localizada em Washington e representante da indústria de financiamento imobiliário dos Estados Unidos. A parcela dos pedidos de refinanciamento de hipotecas recuou para 79,8% do total de pedidos após os 82,9% de uma semana antes.

Finalmente, no que tange o emprego, o indicador de emprego ADP mostrou corte de 693 mil vagas em dezembro, acima do esperado de 495 mil vagas, confirmando a intensificação da deterioração no mercado de trabalho norte-americano. Este é o primeiro resultado depois de uma alteração de metodologia nos cálculos, que deixa a pesquisa mais próxima dos dados de governo. A

diferença é que a ADP abrange apenas o setor privado, enquanto os números oficiais englobam servidores públicos. Ao aplicar os novos padrões, a ADP revisou os dados relativos a novembro. Dos 250 mil inicialmente informados, o número de postos de trabalho fechados passou para 476 mil. O setor de serviços teve o pior desempenho em dezembro, cortando 473 mil vagas. Os setores de produção de bens cortaram mais 220 mil. Somado a isso, como mostrou o payroll, a taxa de desemprego vem aumentando consideravelmente nos últimos meses, assim como o número de corte de vagas. A taxa de desemprego divulgada pelo Departamento de Trabalho subiu para 7,2% em dezembro, com fechamento de mais de 2,5 milhões de postos em 2008, o pior desempenho desde a Segunda Guerra mundial. Nada menos que 2,589 milhões de postos foram fechados. Somente em dezembro, 524 mil vagas foram eliminadas.

Outra economia que entra agora definitivamente na crise com o conflito em Gaza é Israel. Depois de crescer durante cinco anos a uma taxa de 5% ao ano, a economia de Israel despencou e pode ter recessão em 2009. O desemprego aumentou, o déficit público e o déficit externo cresceram. Para piorar, o governo israelense mandou que todas as fábricas instaladas a cinco quilômetros da região do conflito fechem as portas, causando problemas ainda maiores para a economia do país. Na área, existem fábricas de produtos de informática, máquinas agrícolas, de produtos químicos e algumas para exportação, que estão com as portas fechadas e demitindo. Israel perde entre US\$ 25 milhões e US\$ 50 milhões por dia; o déficit público já está em 5% do PIB; e a dívida externa representa 64% do PIB. O país vai ficar mais dependente da ajuda americana e do envio de dólares da comunidade judaica no mundo inteiro.

A guerra agrava também a crise econômica do mundo: com o conflito o preço do petróleo tem subido e a queda do preço dos combustíveis é que estava dando fôlego ao orçamento das famílias americanas.

Na Europa, a queda do fornecimento do gás por parte da Rússia está afetando muitos países. A República Tcheca e a Eslováquia estão decretando estado de emergência. A Alemanha é a grande importadora de gás russo através Ucrânia, e com o desabastecimento podemos ter um agravamento da recessão na economia-líder da União Européia. A Europa tem outras fontes de suprimento, mas 80% do abastecimento de gás da Rússia para a Europa passam pela Ucrânia. Para piorar a crise, a Ucrânia está quebrada e a Rússia está com problemas econômicos.

Na Zona do Euro, o PIB do terceiro trimestre apresentou crescimento negativo de 0,2%, em linha com as estimativas do mercado, enquanto que, na comparação interanual, o PIB registrou ligeira alta de 0,6%. Esse é o menor resultado da atividade européia da série, puxado pela queda de 0,6% da formação de capital bruto e estagnação do consumo das famílias após contração de 0,2% no trimestre anterior.

O nível de desemprego da região subiu para 7,8% em novembro ante a taxa de 7,7% apresentada em outubro, dentro das expectativas. Na Espanha, a taxa está acima de 13%, o que significa mais de 3 milhões de pessoas desempregadas. Para se ter uma idéia do tamanho do problema, quase 1 milhão de pessoas perderam o emprego ao longo de 2008. A taxa de desemprego da Alemanha em dezembro estabilizou-se em 7,6% ante as expectativas de 7,5%. Este é o quarto mês consecutivo que o indicador permanece nesta posição, sinalizando a menor marca registrada desde 1992. Ainda assim, o dado que mede o número de pessoas desempregadas cresceu em 18 mil ante queda de 4 mil em novembro, configurando como a primeira elevação em 34 meses, já descontando os efeitos sazonais.

Estes resultados fracos explicam a queda recorde na confiança dos consumidores em dezembro para -30 pontos frente os -25 pontos de novembro, surpreendendo as expectativas de -26 pontos. A confiança nos negócios apresentou movimento

semelhante, caindo 3,17 pontos ante queda de 2,7 pontos esperados; e o sentimento econômico recuou para 67,1 pontos atingindo o patamar mais baixo desde que a série foi criada em 1985 (ante 74,9 registrados no mês anterior), sendo que eram estimados 71,8 pontos.

A confiança do consumidor britânico desacelerou em dezembro para 47 pontos antes os 51 pontos registrados no mês anterior, caracterizando o seu menor patamar desde 2004.

A inflação na Zona do Euro recuou mais que o esperado em dezembro atingindo o menor patamar em 26 meses, segundo informou a agência de estatísticas da União Européia (Eurostat) na terça-feira. A inflação nos 15 países que usam o Euro como moeda em dezembro ficou em 1,6%, na comparação anual, estimou a Eurostat, ante 2,1% em novembro e bem abaixo da meta de 2% do BCE, chegando ao nível mais baixo dos últimos dois anos. As previsões de mercado esperavam que a inflação recuasse para 1,8%.

O PMI de manufaturados da Zona do Euro, da Alemanha e do Reino Unido continuou sua trajetória contracionista em dezembro. O indicador para a Zona do Euro registrou 33,9 pontos enquanto que para a Alemanha, 32,7 pontos, ambas abaixo das expectativas do mercado de 34,5 pontos e 33,5 pontos, respectivamente.

Para o Reino Unido, o indicador apresentou uma ligeira melhora, de 34,8 pontos ante os 33,6 pontos estimados, mas ainda indicando retração da economia. Seguindo na mesma direção, o PMI de construção britânico apresentou 29,3 pontos ante as expectativas de 30,5. Outro indicador de destaque para o Reino Unido, o crédito líquido ao consumidor, ficou acima das expectativas de £ 0,6 bilhões, com £ 0,8 bilhões em novembro, mas ainda registrando o menor nível desde 1999.

O PMI de serviços de dezembro da Zona do Euro, Alemanha e Reino Unido veio em linha com as expectativas e permaneceu praticamente inalterado, mas ainda

indicando contração das economias. O PMI para a Zona do Euro registrou 42,1 pontos, enquanto que para a Alemanha o indicador atingiu 46,6 pontos, e para o Reino Unido 40,2 pontos, contra as expectativas de 42 pontos, 46,4 pontos e 39 pontos, respectivamente. Seguindo na mesma direção, o PMI composto da Zona do Euro apresentou 38,2 pontos ante os 38,3 pontos esperados. O resultado do indicador para serviços veio em linha com o resultado mostrado para manufaturados, que também indicou contração da atividade no período.

O setor de serviços privados da Zona do Euro sofreu uma forte contração em dezembro, período em que as empresas cortaram mais vagas do que o estimado inicialmente. O índice do setor de serviços apurado pela Markit caiu para 42,1 em dezembro, ante 42,5 em novembro, levemente acima dos 42 pontos registrados na primeira prévia do índice e da previsão dos economistas. O dado marca um novo patamar de baixa nos 10 anos de história da pesquisa, bem abaixo dos 50 pontos que separam crescimento de contração. O índice foi apurado com base num levantamento com 2 mil empresas do setor de serviços, que passa desde bancos até lojas de varejo.

O índice de preços ao produtor (PPI) da Zona do Euro em novembro surpreendeu as expectativas de queda de 1%, recuando 1,9% na margem. Em relação com o mesmo período do ano anterior, o indicador também mostrou que a inflação europeia continua sua tendência de arrefecimento ao registrar 3,3% ante os 4,4% esperados. O destaque, mais uma vez, ficou por conta dos preços de energia, que caíram 5,1% na margem e 6,3% no interanual.

Segundo a Eurostat, o volume de vendas do varejo na Zona do Euro aumentou 0,6% em novembro perante outubro de 2008. Nesse mesmo intervalo, houve alta de 0,3% na União Europeia. Em outubro, as vendas varejistas caíram 1% e 0,5%, respectivamente (números revisados). No comparativo mensal, o volume de vendas do ramo alimentos, bebidas e tabaco cresceu 0,5% na região do Euro e 0,1% no bloco europeu. O setor não-alimentício avançou 0,6% e 0,4%,

respectivamente. As maiores taxas de expansão da atividade varejista foram observadas em Luxemburgo (3,7%), França (1,8%) e Polônia (1,3%). As quedas mais expressivas ficaram com Portugal (-1,4%), Bélgica e Estônia (-1,1%), Lituânia e Eslováquia (-1% cada). Perante novembro de 2007, as vendas no varejo declinaram 1,5% na Zona do Euro e caíram 0,2% na União Européia.

A balança comercial da Alemanha registrou € 9,7 bilhões em novembro ficando abaixo das expectativas do mercado de € 16,4 bilhões. As exportações apresentaram uma queda recorde de 10,6% em relação a outubro, ao passo que as importações caíram 5,6%. A conta corrente no mesmo período alcançou € 8,6 bilhões, diminuindo se compararmos com os € 14,3 bilhões registrados no mês anterior. Este fraco resultado é resultante da forte contração das exportações alemãs, principalmente pela redução da demanda dos Estados Unidos, decorrente da crise financeira.

O Banco Central Europeu, que se reunirá em 15 de janeiro para decidir juros, tem meta para inflação na Zona do Euro abaixo de 2%. O banco já reduziu os juros em 175 pontos-base desde outubro para o atual patamar de 2,5%, alegando que as pressões da inflação estavam enfraquecendo. Muitos economistas esperam que o BCE reduza novamente as taxas de juros em 50 pontos-base.

Em nova tentativa de injetar ânimo na economia do Reino Unido, o Banco da Inglaterra baixou na quinta-feira mais uma vez as taxas de juros, que foram fixadas em 1,5% ao ano e atingiram o patamar mais baixo da história da instituição, fundada em 1694. Foi o quarto corte desde outubro, quando a taxa vigente era de 5%. Num breve comunicado oficial, o banco revelou ainda preocupação com os sinais de queda acentuada no consumo, algo percebido no varejo, onde tem ocorrido inúmeros pedidos de concordata e falência desde dezembro, dando origem a estimativas de que a recessão poderá resultar na perda de mais de 120 mil empregos em 2009, elevando as projeções de

desemprego no Reino Unido este ano para a casa de 3 milhões, o mais alto patamar em 13 anos.

Por fim, com o intuito de estimular a economia alemã, o governo da Alemanha está preparando um pacote de € 50 bilhões. Metade do valor seria injetado este ano e outra metade em 2010, direcionado à projetos de infra-estrutura, redução de impostos, medida de manutenção de postos de trabalho e apoio à empresas.

Na China, a economia deve crescer por volta de 8% este ano, ritmo que Pequim considera necessário para criar empregos suficientes para preservar a estabilidade social, informou o departamento de pesquisas do banco central do país e outros economistas consultados na terça-feira.

A pesquisa do Banco Popular da China acrescentou que é esperada uma desaceleração relativamente modesta ante a projeção de 9,3% de crescimento no ano fechado de 2008. A economia cresceu 9,9% na comparação nos primeiros nove meses de 2008. O levantamento também apurou que a inflação ao consumidor deve desacelerar para abaixo de 3% ante 6% em 2008. O PMI de manufaturados da China de dezembro apresentou uma melhora para 41,2 pontos em relação aos 38,8 registrados no mês anterior, mas ainda revelando contração da economia.

No Japão, as vendas de veículos em dezembro apresentaram uma melhora em relação ao mesmo mês do ano anterior, mas ainda registraram queda de 22,3% ante 27,3%. Esse resultado mostra a recuperação das vendas depois de apresentarem o menor resultado da série histórica.

Nos voltando agora para nossa região, tivemos mais uma semana de tensões políticas entre países do bloco e o Brasil, como já temos mostrado ao longo dos últimos relatórios.

Com a Bolívia tivemos problema com o gás: após adotar um corte na compra de gás boliviano que daria uma economia de US\$ 600 milhões ao Brasil, no mesmo dia o governo brasileiro, após intervenção diplomática boliviana, voltou atrás e

decidiu importar cinco milhões de metros cúbicos mais e a economia caiu para US\$ 350 milhões. Por causa da crise o consumo de energia por parte das indústrias está desacelerando, e o patamar de consumo de gás já não condiz com o atual ritmo de crescimento da economia. Se a Bolívia não tivesse criado tanto problema para o Brasil, outras empresas teriam convertido sua fonte de energia para gás natural e ela teria mais mercado no Brasil. Mas o uso político do gás fez empresários brasileiros arquivarem planos de conversão. Agora fica o jogo político e a pressão diplomática.

Com o Paraguai o problema é com energia: o Paraguai está entrando em contato com movimentos sociais do Brasil para conseguir apoio no reajuste de preços da energia de Itaipu, querendo que o Brasil pague mais caro pela energia da usina. O MST já concordou, a CUT disse que vai analisar e parte do PT está dando apoio.

Finalmente, fora de conflitos com nosso país, o governo chileno lançou um pacote de estímulo econômico avaliado em US\$ 4 bilhões para este ano. Este é o maior plano do tipo já implementado no Chile e equivale a 2,8% do PIB do país. O objetivo do pacote é garantir um crescimento entre 2% e 3% para o país este ano e permitir a criação de 100 mil novos postos de trabalho. Apesar da projeção oficial do governo para a expansão do PIB em 2009 ser de 4%, analistas econômicos haviam reduzido suas previsões para menos de 1%. Entre as ações que serão adotadas no pacote estão subsídios, reduções de impostos e gastos em infra-estrutura. A meta de superávit fiscal será reduzida de 0,5% do PIB para zero. Segundo o governo chileno, o pacote será financiado com recursos do fundo soberano do país, que acumulava reservas de US\$ 19,16 bilhões em novembro passado, e também com emissão de dívida.

Cenário Interno

O Ministério da Fazenda aposta num avanço de 4% da economia brasileira em 2009, enquanto que o Banco Central prevê 3,2% de crescimento, taxas bem acima da expectativa do mercado, de 2,40%. A equipe econômica do governo reitera o fato de que o primeiro trimestre será bastante difícil, com desemprego em alta e renda em queda, mas a partir daí as coisas vão melhorar e, assim, o crescimento econômico do ano não vai ser tão ruim.

Segundo pesquisa realizada esta semana pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o mercado interno irá atenuar a desaceleração da economia doméstica ao longo de 2009. A maioria das indústrias voltadas ao mercado interno apresentou maior confiança para os próximos seis meses do que as indústrias exportadoras, e de acordo com os dados, 31% das 137 indústrias que produzem com foco no mercado doméstico trabalharam em novembro com um cenário mais otimista para os negócios, enquanto que apenas 3% das indústrias exportadoras apresentaram maior confiança. Esse resultado mais otimista deve-se a um conjunto de fatores favoráveis ao mercado interno, tais como reajuste do salário mínimo e desaceleração da inflação.

Esta semana, em mais um esforço de aumentar a oferta de crédito, na tentativa de manter o nível de investimentos, o governo alterou algumas regras do estatuto social do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) com o objetivo de aumentar a capacidade de financiamento da instituição. Com as novas regras, o Banco terá mais flexibilidade nas negociações com o Tesouro para o repasse da parte dos lucros destinados como dividendos à União. Antes da mudança, 25% do lucro deveria ser repassado à União, sendo que agora há maior possibilidade de negociação para manter uma parcela maior em caixa, ainda que a decisão final caiba ao Ministério da Fazenda. Essa maior margem de manobra é possível dada à criação de dois mecanismos: a Reserva de

lucros para futuro aumento de capital e a Reserva de lucros para margem operacional.

Ainda na mesma linha, o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, declarou na quarta-feira que o governo estuda regulamentar a concessão da Bolsa-Qualificação, que é fornecida para quem tem contrato de trabalho suspenso por cinco meses com realização de cursos. O Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador pretende restringir o pagamento do benefício de modo a impedir abuso por parte das empresas. O Ministro defendeu que em março o mercado de trabalho deverá começar a mostrar sinais de recuperação e ainda defendeu um prolongamento da vigência do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) reduzido.

Mas o discurso do presidente Lula em defesa de investimentos públicos para enfrentar a crise econômica internacional não condiz com o desempenho de sua equipe. No ano passado, o governo só gastou 22,5% dos recursos para investimento previstos no Orçamento. De um total de R\$ 47,6 bilhões aprovados na lei orçamentária, apenas R\$ 10,7 bilhões efetivamente saíram do papel. No orçamento de investimentos estão reunidas todas as obras de infra-estrutura, habitação e saneamento de responsabilidade federal, inclusive as ações do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

No Ministério da Saúde, apenas 7% dos investimentos foram executados. No Ministério da Educação, a execução chegou 27,5% a dos investimentos previstos. Em áreas importantes do setor de infra-estrutura, como os ministérios dos Transportes e das Cidades, que cuidam das estradas e das áreas de habitação e saneamento do país, os investimentos realizados corresponderam a apenas 18,4% e 14,7%, respectivamente, da dotação prevista no Orçamento.

Segundo o Ministério do Planejamento, os investimentos previstos no PAC não enfrentaram qualquer contingenciamento (congelamento de recursos) ao longo do ano, mas o governo reconhece que outros entraves podem ter contribuído

para o atraso a liberação dos investimentos previstos, Entre eles estão questionamentos ambientais, licitações e até a falta de projetos para a execução da obra ou programa. Outra dificuldade para a liberação dos recursos é atribuída à legislação eleitoral, que proíbe, em anos de eleição, a execução de obras novas entre julho e outubro. Na contramão da tendência, o Ministério da Defesa executou 80,5% das despesas de investimentos previstas no Orçamento. No Ministério das Relações Exteriores, a execução superou a dotação inicial estabelecida na lei. Foram autorizados R\$ 38,5 milhões e gastos efetivamente R\$ 40,4 milhões, com a suplementação do orçamento original.

Aumentando ainda as críticas ao Governo, o Jornal britânico Financial Times, em um artigo intitulado "Going South" ("Piorando", em tradução livre), afirma que o presidente brasileiro foi complacente com a crise, pois afirmou num primeiro momento que ela era problema do presidente americano George Bush, e que agora ela chegou ao Brasil com a queda forte na produção industrial. A matéria ainda cita os problemas com derivativos pelos quais passaram algumas empresas brasileiras, e diz que embora a situação atual seja muito melhor que em outros períodos de crise, se a recessão atual se prolongar, as reservas de US\$ 200 bilhões podem não dar conta do problema.

Em relação ao desempenho da indústria, a PIM (Pesquisa Industrial Mensal) referente a novembro de 2008 recuou 6,2% em relação a novembro de 2007, o que significa queda de 5,2% na margem e em termos dessazonalizados, conforme divulgado pelo IBGE. Este resultado surpreendeu o mercado, sendo a maior queda da produção em um mês de novembro, desde maio de 1995, refletindo os efeitos da crise financeira. Com a variação negativa da média móvel trimestral de 2,1% em novembro ante outubro, indicador de tendência, vemos que a queda deve perdurar por mais tempo. Por categoria de uso, houve retração generalizada na variação mensal dessazonalizada, com destaque para a produção de bens de consumo duráveis, que apresentou retração de 20,6%. O setor que

mais contribuiu negativamente para o desempenho da indústria em novembro foi o automotivo, devido à quase estagnação do mercado de crédito observada no período.

As vendas de veículos em dezembro, apesar do crescimento na margem (11,54%), recuaram na comparação com o mesmo mês do ano passado (-16,39%). O resultado na margem pode ser explicado, principalmente, como um reflexo das promoções realizadas pelas montadoras e pela redução do IPI de alguns veículos. No entanto, ao analisarmos o dado interanual, sem influências sazonais, podemos ver que a redução na confiança do consumidor combinada com a contração do crédito, contribuiu para reduzir o crescimento de um segmento que vinha registrando resultados ótimos. O resultado das vendas no ano superou em 14% o resultado do ano anterior, ficando abaixo da expectativa da instituição. Para a Fenabreve, o resultado do ano foi muito bom, mas avaliou que as condições ainda não se normalizaram e atribuiu a queda menor nas vendas em dezembro às ações do governo.

Depois de ter divulgado na quarta-feira o resultado da produção industrial em todo o país, o IBGE divulgou na sexta-feira os números separados por região. Os números de novembro vieram muito ruins e, na comparação com outubro, houve retração em todas as 14 regiões pesquisadas, com destaque de baixa para o Espírito Santo (-22%) e Minas Gerais (-13,4%). Na comparação com novembro de 2007, só ocorreram altas no Paraná (5,7%) e no Pará (4%). No acumulado do ano, no entanto, todas as regiões fecharam no positivo, com média de 4,7%. Isso mostra mais uma vez que tivemos dois períodos distintos em 2008: forte crescimento até setembro, e crise, a partir de outubro.

Em relação ao Índice de Confiança do Consumidor, este atingiu em janeiro o menor nível desde 2005, com queda de 12,9% na comparação com janeiro do ano passado, segundo estudo divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomércio-SP). Entre os componentes do índice, o que apresentou

maior contribuição negativa foi o das expectativas futuras (com queda de 3,8% na comparação marginal), em especial entre os entrevistados que recebem mais de dez salários mínimos. O indicador da situação atual manteve-se praticamente estável (com recuo de 0,1% na margem).

No que tange os indicadores econômicos, a Pesquisa Focus desta semana estimou que as expectativas para o IPCA de 2008 caíram ligeiramente, passando de 6,03% para 6,01%, ao passo que para 2009 elas se mantiveram em 5%. Para a taxa de câmbio de final de período também houve estabilidade, em R\$/US\$ 2,25 para o final deste ano. O mesmo aconteceu com a meta da taxa Selic, que permaneceu em 12% para o final de 2009.

Segundo o Dieese, os preços da cesta básica em 2008 subiram cerca de 20% em 9 das 16 capitais. As maiores altas ocorreram em João Pessoa (29,31%) e Natal (26,73%). Esse resultado ainda é reflexo do aumento dos preços dos alimentos decorrente da seca ocorrida em meados de 2007 que ainda impactou a safra no ano passado, principalmente até meados de 2008. Para esse ano, as chuvas abundantes em Santa Catarina, Minas Gerais e outros estados, além da seca no Paraná e no Rio Grande do Sul poderão contribuir para elevação adicional nos preços de alguns itens da cesta básica.

Em relação a inflação, o IPC-S referente à primeira quadrissemana de janeiro apresentou alta de 0,68% frente a uma elevação de 0,52% registrada no período anterior, conforme divulgou na quinta-feira a FGV. O resultado é principalmente explicado pelos novos pesos do índice, o que ocorre no início de todos os meses, e ficou acima da mediana das expectativas do mercado, de 0,65%. O grupo alimentação teve alta de 1,04%, enquanto que habitação avançou 0,33% e educação 0,84%. O grupo de transportes, que nesse mês leva em conta alguns reajustes, subiu 0,82%.

A FGV divulgou na quarta-feira o IGP-DI referente a dezembro, que registrou queda de 0,44%. O destaque novamente ficou por conta do IPA, que desacelerou para -0,88%. O IPA industrial, ainda em trajetória de queda, chegou a -0,73%,

ao passo que o IPA agrícola também aprofundou sua queda, para -1,30%. O IPA industrial está refletindo a força da queda do nível de atividade e a queda dos preços das commodities. Estão em queda preços como os do aço, dos produtos petroquímicos e até os agrícolas. O IPA agrícola, que chegou a superar 15%, termina o ano abaixo de 4%. O IPC desacelerou para 0,52%, em especial por conta de alimentação, que chegou a 0,60%. Por fim, o INCC continuou em forte desaceleração, para 0,17%. No ano o IGP-DI acumulou alta de 9,10%.

O IPC-FIPE referente a dezembro apresentou alta de 0,16%, ficando abaixo das expectativas do mercado (0,22%). Já no ano passado, o índice acumulou alta de 6,18%. Em dezembro especificamente, o grupo alimentação, após algumas semanas em desaceleração registrou deflação de 0,54%. O grupo de despesas pessoais continuou trajetória de alta, para 0,88%, assim como vestuário, que chegou a 1,22%. Transportes e saúde seguiram sentido contrário, com variação de 0,18% e 0,04%.

O resultado do IPCA de dezembro em 0,28% consolida a boa notícia: a inflação deu trégua e fechou o ano em 5,90%. Durante uma parte do ano as previsões eram de estouro da meta de inflação, ficando acima do teto de 6,5%, o que foi revertido com as sucessivas elevações da taxa básica de juros pelo Banco Central do Brasil (BACEN). O fato é que o BACEN fecha o ano com inflação dentro da meta, fortalecendo a figura e a postura do Banco.

Todos os últimos indicadores mostram que há um quadro mais favorável para a inflação corrente. Ela está baixa, refletindo principalmente a desaceleração da economia mundial. Os preços agrícolas e os insumos industriais estão em queda. Além disso, há menos demanda por parte dos consumidores e isso praticamente tem anulado repasses por conta da alta do dólar. Tudo isso ajuda a reduzir o risco de inflação, permitindo a queda dos juros. Menos inflação representa mais espaço para queda das taxas de juros, que significa menos gasto financeiro do governo e mais flexibilidade monetária para a economia.

A balança comercial registrou superávit de US\$ 24,735 bilhões em 2008 e o saldo, cuja média diária (US\$ 97,8 milhões) foi 38,9% menor do que o ano anterior chegando ao nível de 2003, foi resultado de exportações que somaram US\$ 197,942 bilhões e importações de US\$ 173,207 bilhões. Pelo lado das exportações, que ficaram 2% abaixo da meta do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o destaque ficou por conta das vendas menores de semimanufaturados e de básicos. Já o aumento das compras de químicos, siderúrgicos e aviões e partes merecem destaque do lado das importações.

A queda na atividade industrial de novembro, as férias coletivas e demissões que estão ocorrendo em todo o país, o comércio estocado, a queda nas vendas e nos pedidos de minério, uma das principais commodities exportadas pelo Brasil: tudo isso vai influenciar nas exportações deste ano. Segundo a Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), a previsão é que 2009 tenha uma queda de 17,6% nas exportações para 2008, somando US\$ 163 bilhões.

A situação só não vai ser pior para a balança comercial porque as importações também devem cair, por causa do câmbio alto. A previsão da AEB é de importações somando US\$ 146 bilhões (queda de 15,7%) e um superávit comercial de US\$ 17,1 bilhões, queda de 30,7%.

Para a AEB, as commodities ainda serão maioria nas exportações, mesmo com a queda das cotações. Mas esta queda nas cotações vai reduzir as exportações dos países da América do Sul e, em consequência, vai provocar uma redução de 15% nas exportações do Brasil para a região. A AEB também prevê uma queda na corrente de comércio de 16,7%, passando de US\$ 371 bilhões em 2008, o equivalente a 29,5% do PIB, para US\$ 309 bilhões em 2009, representando 24,8% do PIB.

Até a atual taxa de câmbio, que poderia favorecer a exportação de manufaturados, não vai ajudar em 2009, de acordo com a AEB, porque haverá

queda na demanda externa e escassez de crédito. Para eles, a crise só deve começar a se dissipar em 2010.

Para a AEB, as exportações brasileiras de commodities vão cair 21,7% em 2009, com destaque negativo para o minério de cobre (-47,4%), o petróleo (-41,6%) e o algodão (-28,2%). As exportações de semimanufaturados devem cair 21,3% no total, com catodos de cobre (-57,9%), alumínio bruto (-49,2%) e catodos de níquel (46,6%) como as maiores quedas. E nos manufaturados, a projeção é de queda de 12,9% nas exportações, com queda de 36,4% nas exportações de gasolina, queda de 36,3% em óleo de soja refinado e de 32,6% em plataforma de petróleo.

A indústria siderúrgica está voltando das férias coletivas neste início de janeiro. A CSN confirmou que demitiu cerca de 300 funcionários, mas no mercado estima-se que as demissões cheguem a 400. Algumas empresas tinham antecipado paralisações de fornos para manutenção, mas agora não sabem quando e se vão ser religados. O mercado interno já tinha virado a salvação do setor quando o mercado externo começou a fraquejar, mas agora há uma paralisia aqui também. Em novembro, as vendas da siderurgia caíram 30%. Mesmo assim, o setor termina o ano com 1,1% de crescimento, mas vendeu em 2008 quase três milhões de toneladas a menos do que tinha previsto.

Finalmente, em relação ao comércio, a previsão é de que este janeiro será de queima de estoques e não se prevê grandes encomendas à indústria. O setor ligado à investimentos em infra-estrutura ainda não sofre com a crise. Quem está sendo atingido é o setor ligado a bens de consumo durável, como televisores e geladeiras, que sofre com a queda das expectativas de consumo.

Mercado Financeiro

Os mercados de ações e de títulos de renda fixa da BM&FBovespa movimentaram R\$ 1,37 trilhão no ano passado, o que representa uma alta de 14,7% sobre o total negociado em 2007, quando somou R\$ 1,2 trilhão. A média diária de negócios avançou 12,9% na mesma comparação, saindo de R\$ 4,9 bilhões para R\$ 5,52 bilhões.

O aumento no volume financeiro negociado teria sido maior se não fosse a forte queda no preço das ações a partir de meados do ano passado. Isso porque o número de transações teve crescimento de 62,9% na comparação anual, somando 61 milhões de negócios em 2008. A média diária subiu 60,3% sobre 2007, para 245.071 transações.

O valor de mercado das 392 empresas com ações negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), ao final de 2008, era de R\$ 1,37 trilhão. No fim de 2007, esse valor era de R\$ 2,47 trilhões, referente a 404 companhias.

Apenas no mês de dezembro de 2008, o volume negociado nos mercados de renda variável e renda fixa somou R\$ 76,9 bilhões, com alta de 7,25% sobre os R\$ 71,7 bilhões de novembro. A alta se deveu principalmente à recuperação dos preços das ações, já que o total de negócios recuou de 5,5 milhões para 5,1 milhões no mesmo intervalo.

Voltando para a análise dos dados anuais, os mercados de derivativos da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) mostraram recuo nos negócios. Foram transacionados 391,6 milhões de contratos (incluindo financeiros e agropecuários) em 2008, com recuo de 8,15% sobre o total de 426,4 milhões de contratos de 2007. Já o volume financeiro nocional caiu 13,43%, de R\$ 32,4 trilhões para R\$ 28 trilhões.

Considerando apenas o mercado de ações, os investidores estrangeiros seguiram tendo a maior participação, respondendo por 35,5% do volume, ante 34,5% de 2007. Na segunda posição, ficaram os investidores institucionais, com 27,1%, ante 29,8% em 2007. No mesmo período, as pessoas físicas ampliaram sua fatia de 23% para 26,7%. As instituições financeiras encerraram o ano com participação de 7,8%, ante 10,4%; as empresas, com 2,8%, ante 2,2%; e outros, com 0,1%, ante 0,2%.

Pelo sétimo mês consecutivo a Bovespa perdeu recursos estrangeiros. O saldo de negociação direta dos não residentes em dezembro foi negativo em R\$ 439 milhões. Com isso, a saída de recursos em 2008 somou R\$ 24,6 bilhões. Para efeito de comparação, em 2007, a perda foi de R\$ 4,2 bilhões. Durante o último mês de 2008, os estrangeiros realizaram compras no valor de R\$ 27,49 bilhões, contra vendas de R\$ 27,93 bilhões, respondendo por mais de 36% do total de recursos movimentados durante dezembro.

A fuga de investimentos da Bovespa começou em junho, pouco depois de o Ibovespa registrar a pontuação recorde do ano aos 73.516 pontos. Naquele mês, os saques somaram R\$ 7,4 bilhões. Em julho, quantia semelhante também foi retirada do mercado, foram outros R\$ 7,6 bilhões. Em agosto, as compras ultrapassaram as vendas em R\$ 2,2 bilhões. Em setembro, as saídas perderam força, totalizando R\$ 1,8 bilhão. Já em outubro, mês de maior instabilidade, quando o índice teve diversas paradas técnicas por cair mais de 10% durante o pregão, os estrangeiros pesaram mais na venda, tirando R\$ 4,6 bilhões da Bovespa. Já em novembro, a situação foi um pouco melhor, resultando em perda de R\$ 1,1 bilhão.

A verdade é que em tempos de crise, quando os investidores não conseguem visualizar a tendência dos negócios, é comum que se realize lucros logo após uma valorização. Os investidores preferem embolsar os ganhos, ou recuperar parte das perdas, a ficar correndo o risco do cenário voltar a piorar. É a aversão ao

risco que está maior, marcando mais uma semana de negócios na Bovespa, onde a volatilidade voltou a marcar os pregões.

Na segunda-feira, depois de abrir em baixa, a Bovespa fechou em alta de 3,17%, aos 41.518 pontos. O motivo foram as altas das commodities. As ações da Petrobras subiram por causa da alta do petróleo lá fora, mas a Vale e as siderúrgicas tiveram um bom desempenho, impulsionadas por uma medida do governo chinês de redução de tarifas de importação para as empresas chinesas que usarem alumínio, cobre e níquel para beneficiamento e vendas de novos produtos. Só a Vale chegou a subir 9,4% durante o dia, as ações da CSN atingiram alta de 9,1%.

Na Nymex, o preço do barril de petróleo fechou com alta de 5,33%, cotado a R\$ 48,81, pressionado pela tensão em andamento na Faixa de Gaza. É preciso entendermos que o conflito no Oriente Médio, cortes na oferta pelos exportadores da Opep (Organização dos Países Produtores de Petróleo) e a disputa entre Rússia e Ucrânia já ajudaram a impulsionar os preços do petróleo em mais de 50 por cento, ante a mínima de 32,40 dólares registrada em 19 de dezembro. O conflito em Gaza não ameaça diretamente o fornecimento de petróleo, mas problemas no Oriente Médio sempre elevam os preços porque os países da região produzem cerca de um terço do petróleo do mundo. Apesar da recente valorização, o petróleo está bem baixo de seu recorde em Nova York, de 147,27 dólares, registrado em julho de 2008, antes da crise financeira global.

O dólar comercial fechou o dia em queda de 3,38%, negociado a R\$ 2,25, pressionado pelo bom desempenho da bolsa brasileira e pela nota enviada pelo Banco Central afirmando que a entidade realizará leilões de venda conjugada com leilão de compra de moeda estrangeira no mercado interbancário.

Com a alta, a Bovespa se descolou das bolsas americanas, que operam em queda. Além da realização de lucros nas bolsas de lá, já que na semana passada

houve alta, alguns dados da economia real americana deixam as bolsas no vermelho, como a queda na venda de veículos. O ano passado foi o pior em 15 anos para as montadoras. A GM vendeu -22,9% no ano (-31,4% em dezembro), a Ford fechou o ano com queda de 20,7% (queda de 32,4% em dezembro) e a Chrysler teve o pior desempenho: queda de 30% nas vendas em 2008 e de 53% em dezembro.

No mercado asiático, as principais bolsas encerraram no seu maior nível em 2 meses, influenciadas positivamente pelo aumento das expectativas de recuperação da economia mundial em 2009, depois do anúncio de planos de estímulos econômicos nos Estados Unidos. A bolsa de Hong Kong avançou 3,46%, enquanto no Japão, a bolsa de Tóquio encerrou com valorização de 2,10%.

Na Europa, as principais bolsas encerraram a sessão em alta, influenciadas pelo bom desempenho dos papéis dos setores de telecomunicações e energia, além do otimismo dos investidores com o plano de resgate da economia global anunciado por Barack Obama. A bolsa de Paris fechou com ganhos de 0,31%, Londres fechou em alta de 0,39 e Alemanha subiu 0,22%.

No âmbito corporativo aqui no Brasil, os papéis ON e PN da Petrobrás apresentaram alta de 0,66% e 2,28%, respectivamente, influenciados pela alta do petróleo no mercado internacional.

Os papéis PN do Pão de Açúcar lideraram as desvalorizações do Ibovespa, mesmo após a companhia informar que obteve um faturamento bruto de R\$ 20,85 bilhões em 2008 e que as vendas líquidas totalizaram R\$ 18,03 bilhões, representando um avanço de 18,2% e 21%, respectivamente, em comparação com o ano anterior.

As ações ON das Lojas Renner figuraram entre as maiores quedas do Ibovespa nesta segunda-feira. O Citigroup informou que reduziu o preço-alvo das ações ON da empresa de R\$ 23,50 para R\$ 19, com rating manter e alto risco.

Na terça-feira, o Ibovespa fechou em alta de 1,91%, acompanhando o clima de otimismo externo.

As bolsas de valores dos Estados Unidos fecharam em queda, com os investidores realizando lucros após a alta da semana passada. Preocupações com a desaceleração das vendas de telefones celulares também atingiram ações das grandes companhias do setor. Em Wall Street, a acentuada queda na venda de automóveis em dezembro estimulou uma realização de lucros depois de três dias seguidos de alta. O índice Dow Jones caiu 0,91%, para 8.952 pontos. O S&P500 perdeu 0,47%, fechando em 927 pontos. O Nasdaq recuou 0,26%, para 1.628 pontos.

A AT&T e a Verizon pressionaram o Dow Jones depois que a Bernstein Research baixou a nota de ambas as companhias, prevendo um crescimento menor para os produtos wireless e vendas de telefones celulares em geral. Já as ações de energia ganharam com a alta do petróleo bruto.

As bolsas de valores da Europa fecharam em alta pela quinta sessão consecutiva, ajudadas pelo bom desempenho de ações dos setores de telecomunicações e energia. O índice de blue chips FTSEurofirst 300 encerrou o pregão com ganho de 1,89%, aos 873 pontos.

O setor de telecomunicações figurou entre os que mais contribuíram com os ganhos do indicador na primeira sessão completa para muitos mercados europeus do ano. Ações da Swisscom subiram 5,2%, Cable and Wireless avançou 4,6%, Vodafone teve ganho de 4,3% e Portugal Telecom exibiu alta de 4,6%.

Em Londres, o índice Financial Times fechou em alta de 0,39%, a 4.579 pontos. O DAX, de Frankfurt, subiu 0,22%, para 4.983 pontos. Houve alta de 0,31% em

Paris, 1,7% em Milão, 1,66% em Madrid e de 2,14% em Lisboa. A escalada dos preços dos metais e a esperança de grandes gastos em infra-estrutura impulsionaram as ações de mineradoras e siderúrgicas como a ArcelorMittal.

Na Ásia, a terça-feira encerrou de maneira positiva para a Bolsa de Tóquio, onde o Nikkei-225 subiu 0,42%. Em Seul, a alta foi de 1,76%, e Xangai valorizou 3%. Destoando, Hong Kong caiu 0,35%. A desvalorização do iene perante o dólar impulsionou ações de exportadoras e os investidores permanecem confiantes nas promessas de ações do novo governo americano para combater a crise econômica. O iene caiu para a menor cotação desde 8 de dezembro (93,6 por dólar), animando os negócios com empresas exportadoras. A fabricante de câmeras Canon, por exemplo, avançou 5%. A Sony, que tira 25% das receitas em vendas aos Estados Unidos, subiu 7,6%.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, a Perdigão informou na segunda-feira após o encerramento dos negócios, que a paralisação das atividades de duas unidades industriais (a de Cotochés, em Minas Gerais, e a da Elegê, no Rio Grande do Sul) acarretará na demissão de 233 funcionários.

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) anunciou, também na segunda-feira após o encerramento dos negócios, a demissão de 300 funcionários de sua usina localizada em Volta Redonda – RJ. Apesar de a companhia alegar desconexão com a crise, seguem negociações com o sindicato para novos cortes no quadro de funcionários. Até o dia 12 deste mês, 3 mil dos cerca de 16 mil funcionários estão em férias coletivas.

Na quarta-feira, a Bovespa fechou em baixa de 3,53%, aos 40.820 pontos, depois de subir por seis pregões seguidos. O mercado realizou as altas anteriores e a pesquisa sobre o desemprego nos Estados Unidos também ajudou na realização.

As bolsas de valores da Ásia atingiram o patamar mais alto em dois meses na quarta-feira, puxadas por expectativas de que grandes gastos governamentais por parte dos Estados Unidos e corte de impostos que continuarão a dar apoio ao dólar e a estimular a demanda por exportações. A bolsa de Tóquio fechou em alta de 1,74%, em uma tentativa de conseguir pela primeira vez desde abril de 2006 uma seqüência de sete dias de ganhos. Ações de bancos de pequeno porte receberam impulso com notícia de que o governo poderá injetar dinheiro em bancos regionais. O índice Hang Seng terminou negativo, com desvalorização de 3,4%. O indicador foi pressionado por queda de 5,2% nas ações do China Construction Bank. A valorização ocorreu após notícias de que o Bank of America está vendendo uma porção da instituição com desconto. Também em desvalorização, o índice da bolsa de Cingapura terminou em queda de 1,7%, enquanto o declínio no mercado de Xangai, na China, foi de 0,7%. Na direção oposta, o principal indicador da bolsa de Seul teve valorização de 2,8%, enquanto em Taiwan a alta foi de 1,3%. Em Sydney, a bolsa subiu 1%.

Na Europa, as bolsas fecharam o pregão em queda, com os investidores cautelosos em relação ao desempenho das companhias em 2009 e com a divulgação de alguns dados econômicos desfavoráveis, tanto da Europa, como dos Estados Unidos. A bolsa de valores de Paris encerrou em queda de 1,48%, a da Alemanha declinou 1,77% e a de Londres fechou em baixa de 3,16%.

No ambiente corporativo aqui no Brasil, a Petrobrás informou à Agência Nacional do Petróleo (ANP) uma nova descoberta de indícios de hidrocarbonetos no bloco SEAL-T-390, em Sergipe. Além disso, existem rumores de que a empresa estaria sondando empréstimos em bancos de até US\$ 15 bilhões. Segundo relato de dois banqueiros, a estatal procurou alguns dos maiores bancos brasileiros para fazer uma grande captação de recursos depois de enfrentar dificuldades de caixa em outubro do ano passado. No final de 2008, o diretor-financeiro da petrolífera

afirmou em entrevista não descartar nova ida ao mercado em 2009. Vale ressaltar que a Petrobrás negou que esteja negociando uma captação.

A Nossa Caixa informou que as decorrências do programa de melhoria de performance, que tem como objetivo aumentar a eficiência administrativa da companhia resultaram no montante de R\$ 429,3 milhões. Este resultado supera em 46,3% dos R\$ 293,4 milhões previstos.

Os papéis PNB da Aracruz lideraram as valorizações do Ibovespa, repercutindo os rumores de que a companhia teria acertado termos razoáveis com instituições financeiras para o pagamento das perdas de US\$ 2,1 bilhões com derivativos.

Na quinta-feira, após um dia de forte volatilidade, em que caiu 1,40% pela manhã, a Bolsa de Valores de São Paulo tomou fôlego à tarde e se destacou frente às internacionais. O Ibovespa subiu 2,87%, aos 41.990 pontos. O volume financeiro foi de R\$ 3,1 bilhões. O dólar subiu 2,32%, a R\$ 2,292. O Banco Central optou por não intervir no mercado.

Nos Estados Unidos, a melhora se deu após o fechamento da Bovespa. O S&P500, da bolsa de Nova York, subiu 0,34%, e o Nasdaq ganhou 1,12%. O Dow Jones recuou 0,31%. O Citigroup chegou a um acordo com legisladores para permitir alterações nas regras de empréstimos imobiliários, impedindo execuções hipotecárias. A medida será apresentada ao presidente eleito, Barack Obama, que já manifestou seu apoio.

Depois de subirem nos primeiros pregões do ano, as bolsas da Ásia tiveram na quinta-feira um dia de queda mais forte. No Japão (-3,9%) e Hong Kong (-3,8%), os resultados praticamente zeraram os ganhos dos primeiros dias de 2009. O mau humor por parte dos investidores está relacionado à redução das projeções de lucros da maior parte das empresas mundo afora. Com o agravamento da crise, haverá menos consumo e isso significa queda nas vendas e também

redução de preços. Além disso, depois de vários ganhos os investidores aproveitam para realizar lucros, em tempos de crise. Na bolsa do Japão, a maior queda foi da fabricante de componentes eletrônicos Kyoceram que perdeu 6,6% do valor. Na bolsa de Hong Kong, houve queda de 22% da fabricante de computadores Lenovo, após ela ter emitido um alerta de lucro trimestral e corte de empregos.

Na Europa, apesar do Comitê de Política Monetária do Banco Central da Inglaterra (BoE) anunciar o corte de 0,5 ponto percentual na taxa básica de juros do país, passando-a para 1,5% ao ano, as bolsas encerraram em queda na quinta-feira, influenciadas pelo cenário corporativo local e também pela cautela dos investidores acerca da crise financeira internacional. A bolsa de valores de Paris apresentou queda de 0,65%, a da Alemanha recuou 1,17% e a de Londres encerrou com desvalorização de 0,05%.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, a Petrobrás informou que está preparando a sua usina de biodiesel de Montes Claros para entregar cerca 1,5 milhão de litros do combustível no primeiro trimestre deste ano, já vendidos no 12º leilão da ANP (Agência Nacional do Petróleo). Esse projeto da usina em Montes Claros, assim como de Candeias e Quixadá, trouxe também outros programas para a região, como o do desenvolvimento do mercado agrícola, que irá fornecer a matéria-prima, e da agricultura familiar.

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) informou na quarta-feira após o encerramento do mercado, que o seu Conselho de Administração aprovou a reabertura do programa de recompra de ações, para aquisição de até 2,2% de seus papéis em circulação. Segundo a companhia, deverão ser adquiridos até 9,72 milhões de títulos, entre os dias 8 e 28 de janeiro deste ano, sendo que o valor destes não poderá ser maior que a sua cotação em bolsa.

A Vale anunciou que devido a uma adequação interna decidiu adiar as férias coletivas de 450 funcionários da mina de Fábrica Nova, localizada em Minas Gerais. Em dezembro do ano passado, a mineradora brasileira anunciou que em função da crise financeira internacional concederia férias coletivas para 5,5 mil funcionários em todo o mundo, sendo que 80% destes empregados nas unidades da mineradora em Minas. Com a adequação, o número de funcionários em férias coletivas caiu para 5.050. A Vale ressaltou, porém, que o adiamento não significa que a concessão de férias coletivas possa ser retomada no futuro.

Na sexta-feira, com poucos negócios, um volume de R\$ 3 bilhões no dia, a Bovespa recuou 0,97%, para 41.582 pontos. Na semana, o Ibovespa subiu 3,32% e, no ano (e no mês) ainda exibe uma recuperação de 10,74%. Nas operações entre os bancos, o dólar movimentou apenas US\$ 500 milhões e caiu 0,87%, para R\$ 2,272. O Ibovespa chegou a subir 1,27% no dia, no entanto, foi só a bolsa norte-americana abrir, minutos depois, para o índice despencar 1,88%, com investidores refletindo a pior taxa de desemprego nos Estados Unidos em 15 anos que, nesse ritmo, pode chegar a dois dígitos até dezembro.

No mercado asiático, as bolsas encerraram a semana em queda, pressionadas por ações de empresas do setor automobilístico e eletrônico, que tiveram seu desempenho prejudicado pela notícia de que o banco central da Coreia do Sul cortou a taxa básica de juros no país em 0,5%, passando-a para 2,5% ao ano, o menor nível da história. Além disso, a expectativa dos investidores quanto aos dados do mercado de trabalho nos Estados Unidos também trouxe cautela aos negócios. No Japão, a bolsa de valores de Tóquio apresentou desvalorização de 0,45%, enquanto a bolsa de Hong Kong fechou em queda de 0,27%.

Na Europa, as principais bolsas encerraram no vermelho na sexta-feira, influenciadas pelos dados ruins sobre o mercado de trabalho da maior economia

do mundo. A bolsa de Londres fechou com desvalorização de 1,26%, a da Alemanha recuou 1,97% e a de Paris apresentou perdas de 0,75%.

Nos EUA, as bolsas operaram em queda, repercutindo a divulgação do payroll.

No plano corporativo aqui no Brasil, no momento em que o governo quer dar mais gás no mercado de crédito, sobretudo no segmento de veículos, o Banco do Brasil (BB) finalmente concretizou a parceria com o Banco Votorantim (BV), um dos líderes neste tipo de financiamento e controlado pela família Ermírio de Moraes. A operação envolve um total de R\$ 4,95 bilhões. A operação, que envolve ao todo R\$ 4,95 bilhões, ajudará o maior banco estatal do país a se fortalecer no mercado de carros, estratégia adotada há alguns anos e que, na prática, ainda não havia decolado de vez. O negócio, porém, não foi suficiente para levar o Banco do Brasil de volta ao topo entre as maiores instituições financeiras do país, posição que continua com o Itaú/Unibanco. Mesmo comprando outras instituições, como o Nossa Caixa, o BB se mantém em segundo lugar. A operação, que demorou três meses para ser concluída, prevê que o BB pagará R\$ 4,2 bilhões para ter 50% do capital total do BV, sendo que do capital votante, apenas 49,99%. Ou seja, o controle do banco continuará sendo privado.

Os papéis ON da construtora Rossi Residencial figuraram entre as maiores altas do índice Bovespa na sexta-feira. Este desempenho positivo foi causado principalmente pela expectativa de que haja um corte na taxa básica de juros brasileira, o que favoreceria o financiamento imobiliário.

Após fechar a compra da Brasil Telecom (BrT), a Oi (ex-Telemar) já sonha com a TIM Brasil, terceira maior operadora móvel do país com 37 milhões de clientes. O futuro negócio foi discutido no fim de dezembro, durante reunião do Conselho de Administração. Segundo uma fonte, a companhia vai entrar na disputa assim que o maior ativo da Telecom Italia for colocado à venda. Somente com a operadora

FUNDAMENTUM

das regiões Centro-Oeste e Sul do país, a Oi terá uma economia, em valores presentes, de R\$ 1 bilhão por meio de sinergias, de acordo com o presidente da supertele, Luiz Eduardo Falco. A nova companhia terá uma receita de R\$ 29,3 bilhões, maior que a da espanhola Telefônica (de R\$ 28,7 bilhões) que comanda a Vivo, e a do grupo do mexicano Carlos Slim (de R\$ 20,5 bilhões) dono da Claro, Embratel e de parte da Net. Ao todo serão 53 milhões de clientes entre fixo, móvel e banda larga. Na telefonia celular, a Oi ocupará a quarta posição no ranking nacional, com 20,16% de participação. A Oi já concluiu a aquisição do controle da BrT, pagando R\$ 5,3 bilhões. Além disso, como parte da operação, a Oi assume uma dívida de cerca de R\$ 1 bilhão da Invitel, dona anterior das ações de controle da BrT.

Ibovespa - Maiores na SEMANA

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Rossi Resid. ON	4,95	27,25	Telemar ON	33,50	-12,87
Sid. Nacional ON	37,08	16,90	Telemar PN	28,80	-12,19
Gerdau Met. PN	24,71	16,28	Br.Tel.Part. PN	17,05	-11,65
Gerdau PN	18,74	16,26	Br.Telecom PN	12,80	-10,67
Gol PN	11,96	16,00	Telemar N L PNA	51,80	-8,96
Gafisa ON	13,00	11,10	Cesp PNB	14,40	-8,50
Tam S.A. PN	21,85	9,75	Pao de Acucar-CBD	30,40	-7,03
Cosan ON	12,40	9,65	PN		
Bradespar Pn	22,59	8,61	Telesp Atual PN	42,84	-6,67
Vale do Rio Doce PNA	28,23	7,75	Natura ON	19,26	-6,18
			Redecard ON	24,67	-6,01

Maiores no ANO

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Rossi Resid. ON	4,95	30,96	Telemar ON	33,50	-13,43
Sid. Nacional ON	37,08	27,86	Telemar PN	28,80	-10,58
Gerdau PN	18,74	24,44	Telemar N L PNA	51,80	-6,66
Gafisa ON	13,00	23,92	Br.Telecom PN	12,80	-6,15
Gerdau Met. PN	24,71	22,69	Telesp Atual PN	42,84	-4,59
Gol PN	11,96	20,68	Cesp PNB	14,40	-4,56
Embraer ON	10,45	18,61	Redecard ON	24,67	-4,00
Vale do Rio Doce PNA	28,23	18,17	Br.Tel.Part. PN	17,05	-2,06
Bradespar Pn	22,59	17,78	Pao de Acucar-CBD	30,40	-1,94
Usiminas PNA	30,71	15,80	PN		
			All Amer.Lat. Unit	9,84	-1,60

Fatos econômicos da semana seguinte

A semana que começa dia 12 de janeiro de 2009 trará poucos eventos na economia doméstica, com destaque para a Pesquisa Mensal Industrial de Emprego e Salário e a Pesquisa Mensal de Comércio Restrita. No ambiente externo teremos muitos dados relevantes, com destaque para os discursos de Bernanke e Trichet; o livro Bege, dados comércio varejista, de produção industrial e inflação nos Estados Unidos; dados de produção industrial, inflação e decisão sobre taxa de juros na Zona do Euro; inflação e PIB da Alemanha.

No Brasil, na segunda-feira o Banco Central apresentará sua Pesquisa semanal Focus; a FGV o IGP-M, primeira prévia de janeiro; e a SECEX os dados da Balança Comercial brasileira semanal. Na terça-feira, o IBGE publicará a Pesquisa Mensal Industrial de Emprego e Salário de novembro. Na quarta-feira a CNI divulgará os indicadores da indústria de transformação de novembro. Na quinta-feira, a FGV divulgará o IGP-10 de janeiro. Na sexta-feira, a FGV divulgará o IPC-S da segunda quadrissemana de janeiro, e o IBGE a Pesquisa Mensal de Comércio Restrita de novembro.

No exterior, nos Estados Unidos, na terça-feira teremos a balança comercial de novembro; a divulgação do orçamento mensal de dezembro e o discurso de Bernanke em Londres. Na quarta-feira teremos os dados semanais do setor hipotecário; estoques semanais de petróleo e derivados; índice de preços de importados; vendas do varejo em dezembro e estoques do varejo em novembro; e o Livro Bege. Na quinta-feira, teremos os pedidos iniciais de auxílio desemprego semanais; o PPI de dezembro; o Empire Manufacturing Index de janeiro; e o índice de atividade do Fed da Filadélfia de janeiro. Na sexta-feira teremos o CPI de dezembro; a utilização da capacidade instalada de dezembro; a produção industrial de dezembro; e o índice de confiança da Universidade de Michigan de janeiro.

Na Zona do Euro, na terça-feira, teremos o discurso de Trichet em Strasbourg. Na quarta-feira, teremos a produção industrial de novembro. Na quinta-feira, teremos o CPI de dezembro e a decisão sobre taxa de juros pelo BCE. Na sexta-feira, teremos a balança comercial de novembro.

Considerando exclusivamente a Alemanha dentro da Zona do Euro, na terça-feira teremos o índice de preços no atacado de dezembro. Na quarta-feira, teremos dados do PIB do país. Na quinta-feira, teremos o CPI de dezembro.

No Reino Unido, na terça-feira teremos a balança comercial de novembro.

Finalmente, no Japão, na segunda-feira teremos a balança comercial e a conta corrente, ambas de novembro.

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.